

## A intersensorialidade como unidade entre sujeito e mundo percebido na Fenomenologia da Percepção

Emerson Cesar Santana De Melo <sup>1</sup>  
Prof. Dr. Pedro Monticelli (orientador)

**RESUMO:** O texto tem como objetivo introduzir a noção de intersensorialidade presente na *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty, bem como esboçar de maneira sintética algumas implicações decorrentes desta noção em sua obra. A experiência perceptual do mundo não é apenas receber informações sensoriais separadas, e depois integrá-las em uma experiência coerente. Ao contrário, a percepção é intrinsecamente intersensorial, o que significa que as relações sensoriais estão constantemente envolvidas e interconectadas na formação de nossa experiência perceptiva. A visão e o tato podem estar entrelaçados quando tocamos um objeto ou enquanto o observamos. Assim, a sensibilidade não é uma simples soma de informações sensoriais separadas, mas uma experiência sinestésica na qual os sentidos se entrelaçam. Deste modo, o objetivo da pesquisa é definir a intersensorialidade como fator unitário entre corpo-próprio e mundo percebido, união posta desde a percepção pré-reflexiva.

**Palavras-Chave:** Fenomenologia, intersensorialidade, percepção.

*Se é assim, meu filho, que novo argumento poderá aduzir quem diz que a sensação é conhecimento e que o que parece a cada um de nós é para todos precisamente como parece ser?*  
(Platão, Teeteto. 158a)

### 1. Restituindo o corpo-no-mundo

O pensamento de Merleau-Ponty é herdeiro da fenomenologia iniciada por Husserl, portanto, retornar às coisas mesmas deve ser a tarefa da filosofia. Com a *epoché*, surge a possibilidade de a consciência apreender aquilo que aparece, não como objeto dotado de qualidade em si mesmo encerradas, mas como aparecendo para uma consciência aberta ao mundo. A fenomenologia, como afirma Merleau-Ponty já no prefácio da *Fenomenologia da percepção*, deve repor as essências na existência. Enquanto Husserl faz valer a redução fenomenológica a caminho da intuição pura de essências, Merleau-Ponty se preocupa em abraçar a corporeidade e a

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de Bacharelado em Filosofia, na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

experiência encarnada como elementos centrais da fenomenologia: “O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 2018, p.06).

Este movimento de retorno ao mundo compreende uma distinção marcante em relação ao suposto idealismo Husserliano, visto que a redução eidética envolve uma distinção fundamental entre a essência e a existência das coisas<sup>2</sup>. A essência se refere à natureza fundamental de algo, suas propriedades intrínsecas e as estruturas universais que definem algo que aparece. A existência, por outro lado, refere-se à atualidade concreta e individual de algo no mundo empírico<sup>3</sup>. Porém, a redução eidética busca identificar as propriedades e estruturas essenciais, que são compartilhadas por todas as instâncias de um tipo particular de experiência. Isso envolve a abstração dos detalhes concretos, e das variações individuais, para a intuição de essências puras em geral. De acordo com David Cerbone, a *epoché* suspende toda transcendência, até mesmo a carnalidade do ego, pois:

“Quando suspendo quaisquer questões concernentes à relação entre experiência consciente e mundo circundante, essa suspensão se estende completamente às questões concernentes àquele que experiência. Coloquei entre parênteses a suposição ou pressuposição de que sou um ente humano mundano materialmente real, do mesmo modo que suponho que minha experiência esteja acontecendo dentro de um mundo materialmente real (CERBONE, 2022, p.56).

Com a redução fenomenológica, Husserl buscou superar os pressupostos prévios e as interpretações apressadas que fazemos das coisas e, assim, chegar a uma compreensão mais profunda dos fenômenos, dos modos de sua auto dação. São por estes motivos que o pai da fenomenologia enfatiza com veemência a atitude com a qual a filosofia deve dirigir-se à realidade que se apresenta; ao adotar a fenomenologia como a atitude filosófica por excelência, Husserl

---

<sup>2</sup> Para Husserl: “É necessária, primeiramente, a compreensão de que o problema radical precisa ser, antes, a relação entre conhecimento e objeto, mas no sentido *reduzido*, segundo o qual não se fale sobre o conhecimento humano, mas sobre o conhecimento em geral, sem qualquer relação de posições simultâneas existenciais, seja ela do eu empírico ou de um mundo real” (HUSSERL, *A ideia da Fenomenologia*. P.132).

<sup>3</sup> “Intuição empírica, e, em especial, experiência, é consciência que apreende “originariamente” o objeto em sua ipseidade “de carne e osso” (HUSSERL, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. P.37).

buscou evitar preconceitos e pressuposições que poderiam obscurecer a compreensão genuína dos fenômenos<sup>4</sup>.

A despeito da teorização da consciência pura, Merleau-Ponty busca investigar justamente a corporificação da consciência, para isso apropria-se do método fenomenológico para buscar entender não a subjetividade abstrata, mas sim, o sujeito encarnado na materialidade, sendo ele constituído também pela experiência sensível<sup>5</sup>. A consciência surge como ato reflexivo possibilitado pelas experiências do corpo. Sendo assim necessária a concepção de “sujeito encarnado”, não mais presente em um plano abstrato, mas que se faz corpo-no-mundo, em uma correlação entre pensamento e corpo-próprio. Essa concepção coloca o corpo como sujeito do pensamento, o conhecimento dos objetos naturais é possível mediante a existência corporal, situada em um espaço temporal. A consciência atrelada a sensibilidade do corpo, possibilita a percepção daquilo que há de essencial na existência. O corpo é dotado de movimento, sentimo-lo nas experiências e ações cotidianas, por meio dele, somos afetados por emoções e sentimos a alteridade circundante. Ao contrário de Descartes<sup>6</sup>, Merleau-Ponty rejeita o dualismo mente-corpo

---

<sup>4</sup> “A filosofia reside, repito, em uma dimensão nova com respeito a todo conhecimento natural, e essa dimensão nova, por mais que também possa ter, como já está no discurso figurado, sua conexão essencial com dimensões antigas, corresponde a um método novo, novo desde o fundamento, que está contraposto ao “natural”. Quem nega isso, não entendeu toda a classe de problema própria da crítica do conhecimento, e, com isso, também não entendeu o que a filosofia realmente quer e deve ser, e o que confere a ela, frente a todo conhecimento e ciência naturais, especificidade e autoridade”. (HUSSERL, *ibid.* P.82)

<sup>5</sup> Aqui estamos de acordo com Marcus Sacchini, para quem: “Deve-se notar que a *correlação perceptiva* transforma significativamente a ideia de a priori da correlação, formulada por Husserl. A mútua relação acentuada por Merleau-Ponty não ocorre entre puras essências e puros atos subjetivos (tal como sugeria Husserl, ao menos em A ideia da fenomenologia), mas entre fenômenos concretos e o corpo fenomenal (FERRAZ 2009, P.55). *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. Campinas: Papirus, 2009.

<sup>6</sup> René Descartes foi o principal responsável, na modernidade, pela dicotomia alma e corpo. Em seu *Discurso do Método*, em que também está presente a sua famosa máxima: “*cogito, ergo sum*”, o filósofo estabelece o pensamento como princípio que assegura a existência, sendo a *res cogitans* (coisa pensante) a subjetividade abstrata, e a *res extensa* (extensão) a matéria e o corpo. Herdamos do pensamento cartesiano, a concepção de natureza regida por leis mecânicas, colocando os corpos naturais na categoria de objetos de conhecimento do pensamento, passíveis de modificações e usufruto dos interesses da razão. sendo o corpo também extensão (matéria), este adquire o caráter de “objeto”, que pode ser moldado, transformado e melhorado. Esta dualidade institui o corpo como mero suporte da subjetividade, um sujeito desprendido de corpo, como afirma Descartes: “Pois elas (as leis da natureza) me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida e que, no lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, pode-se encontrar uma filosofia prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam tão distintamente como conhecemos

e busca integrar o corpo como parte fundamental da experiência humana. O filósofo contemporâneo vê o corpo como ponto de convergência dos sentidos e da mente; sendo o mediador entre sujeito e mundo, é preciso ter em vista a sua intencionalidade. Por meio da motricidade corporal nos relacionamos com os outros, sendo eles objetos ou pessoas. Essa cognição presente na sensibilidade está carregada de nossos valores pessoais, afetos e desejos, de tal modo que a subjetividade jamais está pronta, mas está em constante transformação, constituindo-se na correspondência com o mundo exterior que habita o corpo, ao mesmo tempo que o corpo-próprio habita o mundo: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 2018, 122).

Ao que diz respeito a concepção de impressões que se sobrepõe uma à outra para uma consciência passiva, não explica como pode a *atenção* ser solicitada por elas, o empirismo desconsidera que a consciência precisa se mover intencionalmente para conhecer aquilo que pretende conhecer. A consciência é solicitada pelo objeto por meio da atenção, e a atenção exerce a sua capacidade de definição desvelando o objeto, é uma relação de reciprocidade entre duas instâncias, e nesse processo subjazem dimensões que a experiência pela experiência não pode fundamentar. Ao objetivar os objetos circundantes o empirismo exclui o que parecia ser sua preocupação imediata, o mundo da vida, pois de acordo com Merleau-Ponty:

“Definindo mais uma vez aquilo que percebemos pelas propriedades físicas e químicas dos estímulos que podem agir em nossos aparelhos sensoriais, o empirismo exclui da percepção a cólera ou a dor que, todavia, eu leio em um rosto, a religião cuja essência, todavia eu apreendo em uma hesitação ou em uma reticência, a cidade cuja estrutura, todavia eu conheço em uma atitude do funcionário ou no estilo de um monumento”.  
(MERLEAU-PONTY, 2018, p.49)

O empirismo tradicional falha em reconhecer a riqueza e complexidade da experiência vivida, reduzindo-a à meras sensações elementares, pois tende a considerar o conhecimento como derivado exclusivamente da experiência sensorial, ignorando os processos interpretativos e as

---

os diversos ofícios de nossos artesãos, poderíamos empregá-las da mesma maneira em todos os usos para os quais elas são apropriadas e, assim, tornar-nos como que mestres e possuidores da natureza”. (DESCARTES, 2018, p.112). DESCARTES, René. **Discurso do método & Ensaios**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

estruturas prévias que moldam nossa percepção e compreensão do mundo. No modo do qual se movimenta o empirismo, as sensações têm um papel central na aquisição do conhecimento humano, pois referem-se às experiências sensoriais que temos por meio dos nossos sentidos, como visão, audição, tato, paladar e olfato. De acordo com o empirismo, as sensações são a base da construção de todo o nosso conhecimento e compreensão do mundo<sup>7</sup>. De maneira contraditória, essa concepção de aquisição do conhecimento tende a afastar a experiência humana do processo de experienciar o mundo de maneira mais íntima. Só é possível o contato com o meio circundante por meio de relações mediadas pela afetação dos objetos aos órgãos sensíveis, sendo passível o questionamento se essa relação realmente leva ao conhecimento de algo, ou se não serão apenas fantasias subjetivas<sup>8</sup>. Em vez disso, Merleau-Ponty enfatiza a interdependência e a interação contínua entre o sujeito que percebe e o mundo percebido<sup>9</sup>. Retornar ao mundo da vida é retornar às coisas mesmas pois: “O sentir é esta comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto e o sujeito devem a sua espessura” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.84). O corpo-próprio não é apenas espectador, mas a sua inerência a um ponto de vista torna possível a abertura ao mundo enquanto horizonte de toda percepção, o sujeito é agente no espetáculo do mundo.

## 2. A intersensorialidade

---

<sup>7</sup> “Embora nosso pensamento pareça possuir essa liberdade imensa, verificamos, por meio de um exame mais metucioso, que ele está verdadeiramente preso a limites muito reduzidos e que todo poder criador da mente não ultrapassa a faculdade de combinar, de transpor, aumentar ou de diminuir os materiais que nos foram fornecidos pelos sentidos e pela experiência”. Hume, *Investigação sobre o entendimento humano*, 2019, p.23.

<sup>8</sup> “Efetivamente, se tais cores ou sons estivessem nos corpos ou objetos que os causam, não poderiam ser separados deles, como o são por espelhos e nos ecos, por meio da reflexão. Assim, resulta evidente que a coisa vista se encontra em uma parte e, a aparência, em outra. Mesmo que a determinação, o real, o objeto visto parece envolvido pela fantasia que produz em nós, o certo é que uma coisa é o objeto e outra a imagem ou fantasia. Portanto, as sensações, em todos os casos, são meras fantasias originais, causadas, como foi dito, pela pressão, ou seja, pelos movimentos das coisas externas sobre nossos olhos, ouvidos e outros órgãos. (HOBBS, *Leviatã*, p.20)

<sup>9</sup> “Nous nous sommes proposé de montrer au contraire que le philosophe apprend à connaître, au contact de la perception, un rapport avec l’être qui rend nécessaire et qui rend possible une nouvelle analyse de l’entendement”. MERLEAU-PONTY: *Résumés de cours. Collège de France, 1952-1960*. Paris: Gallimard, 1968.

A percepção é este contato primordial com o mundo, o corpo-próprio mais do que um veículo, é o modo pelo qual a subjetividade está em uma relação de inerência com o ambiente. O problema que emerge ao pensar a correlação sujeito e objeto, é justamente como é possível que o sujeito encarnado pode ir ao encontro das coisas que estão para além do contido na percepção factual. Ou seja, se para Merleau-Ponty a consciência não pode ser reduzida ao realismo que garante a objetividade independentemente da correlação, como também a um idealismo que funda a existência a partir da consciência; como é possível que a percepção possa *visar* as coisas residindo nelas mesmas, e, todavia, excedendo as aparições particulares rumo ao transcendente? Para que se compreenda a inerência da subjetividade que atravessa o particular rumo ao transcendente universal, é preciso que “retornemos então à sensação e observamo-la de tão perto que ela nos ensine a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com seu mundo”.<sup>10</sup>

A *intersensorialidade* diz respeito aos modos pelos quais o corpo-próprio alcança o mundo exterior, porém, esse lançar-se em direção às coisas é marcado por um apelo do ambiente ao corpo, os sentidos não são apenas receptáculos de estímulos e impressões sensíveis, mas o resultado da solicitação do campo à sensibilidade, ao mesmo tempo que o horizonte é aberto pela percepção do sujeito. A percepção humana é uma experiência multissensorial, nossos sentidos não funcionam de maneira isolada, mas estão interconectados para formar uma compreensão completa do mundo<sup>11</sup>, não podemos separar a percepção visual da percepção tátil, por exemplo, porque ambas estão intrinsecamente ligadas ao nosso corpo e à nossa experiência subjetiva. A experiência perceptiva das cores transparece que a visão está entrelaçada com o movimento e a interação com o mundo. As cores não são propriedades isoladas de objetos, mas são percebidas em relação ao contexto e à experiência corporal do observador, elas despertam maneiras de nos relacionarmos com elas, de tal modo que:

---

<sup>10</sup> *Fenomenologia da Percepção*, p.281

<sup>11</sup> “Precisamos colocar em questão a alternativa entre o para e o em si, que rejeitava os “sentidos” no mundo dos objetos e resgatava a subjetividade como absoluto não-ser de toda inerência corporal. É isso que fazemos quando definimos a sensação como coexistência ou como comunhão” MERLEAU-PONTY, *ibid.* 288.

“Aquele que sente e o sensível não estão um diante do outro como dois termos exteriores, e a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente. É meu olhar que subentende a cor, é o movimento de minha mão que subentende a forma do objeto, ou antes meu olhar acopla-se à cor, minha mão acopla-se ao duro e ao mole, e nessa troca entre sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê sentido ao outro (MERLEAU-PONTY, 2018, p.288).

A cor não reside intacta em si mesma, toda ela é uma conjunção de fatores internos e externos que tornam possível a composição do fenômeno visual. A cor de um objeto recoberto por uma luz que lhe cobre, se fenomenologiza como cor distinta da que apareceria mediante as variações de luz e sombra, todavia é possível perceber como o mesmo azul a cor mesclada aos reflexos provocados pela iluminação, graças a capacidade sintética do corpo-próprio. Experimentar as cores é experimentar um modo de ser-no-mundo; nossas emoções são experiências corporais, e a maneira como percebemos e reagimos às cores pode estar diretamente ligada à nossa experiência emocional<sup>12</sup>. Por exemplo, o vermelho frequentemente é associado à excitação e à paixão, enquanto o azul pode evocar uma sensação de calma e serenidade<sup>13</sup>. Essas associações de cores com emoções podem ser influenciadas pela maneira como nosso corpo reage a diferentes estímulos visuais. “Portanto, não é preciso perguntar-se como e por que o vermelho significa o esforço ou a violência, o verde o repouso e a paz, é preciso reaprender a ver essas cores como nosso corpo as vive, quer dizer, como concreções de paz ou de violência” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.285). É nesse sentido que a pintura de Cézanne será objeto de interesse por parte do filósofo francês, pois, para além de uma representação visual ou intelectual das coisas, o pintor fazia fenomenologia por outras vias, ao buscar expressar os modos como as coisas aparecem ao sujeito perceptivo.

---

<sup>12</sup> Tal como o Jovem Werther utiliza as cores da natureza para dar vazão ao seu sofrimento: “Sim, é assim mesmo. Assim como a natureza anuncia o outono, o outono começa em mim e ao redor. As minhas folhas amarelecem, e as folhas das árvores vizinhas já caíram”. *Os sofrimentos do jovem Werther*, p.110

<sup>13</sup> “O azul é aquilo que solicita de mim uma certa maneira de olhar, aquilo que se deixa apalpar por um movimento definido de meu olhar”. MERLEAU-PONTY, *ibid.* 285.



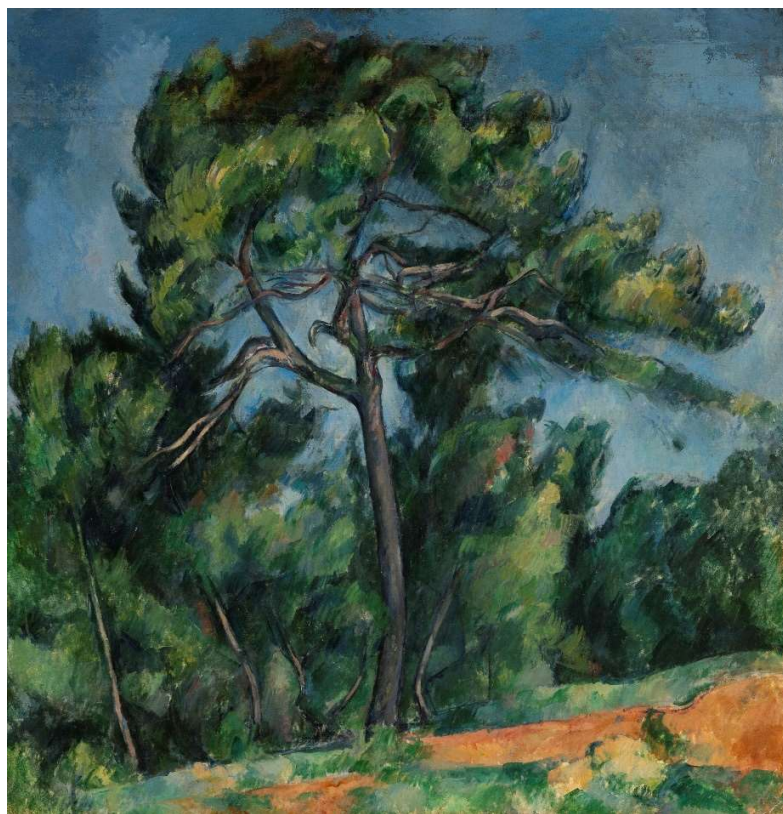
**Figura 1 - Açucareiro, Peras e Xícara Azul**



(Paul Cézanne, Óleo Sobre Tela - 1866 - Granet Museum, Aix-En-Provence, France)

**Figura 2 – O grande pinheiro**





(Paul Cézanne, Óleo Sobre Tela – 1890-96 - (Museu de arte de São Paulo)

A pintura de Cézanne suspende as definições das arestas, a delimitação geométrica das formas e subverte a espacialização ininterrupta dos objetos no mundo. Em suas obras, a tinta suprime os contornos, ou melhor, os limites surgem emergindo das pinceladas pujantes; antes de uma doação do objeto possuindo determinadas qualidades, é a cor que faz sobre-exceder o objeto, tal como na percepção, visto que o objeto como sujeito de predicções verdadeiras (como define a lógica formal) tem precisamente modos distintos de entrar no campo da percepção. É precisamente esse campo que Cézanne evidencia, pintando o arranjo no qual o mundo é uma unidade, e não *pièces* separadas e autônomas, seu desejo é pensar com o pincel, pois para ele, tal como para Merleau-Ponty, o corpo pensa<sup>14</sup>. À uma carta a Émile Bernard de 1904, Cézanne afirma que: “Há duas

---

<sup>14</sup> “Cézanne ne Cherche pas à suggérer par la couleur les sensations tactiles qui donneraient la forme et la profondeur. Dans la perception primordiale, ces distinctions du toucher et de la vue sont inconnues. C’est la Science

coisas no pintor: o olho e o cérebro; ambos têm que se ajudar. Devemos trabalhar por seu desenvolvimento mútuo: o olho por ver a natureza; o cérebro pela lógica das sensações organizadas que dão os meios de expressão”<sup>15</sup>.

Os modos sensoriais não se encontram originariamente separados, a capacidade sintética do corpo-próprio não diz respeito a algo como a constituição de objetos por meio de dados sensíveis. Ver não é acolher ondas visuais que por processos abstrativos a consciência transforma em objetos, mas a consciência já está sempre diante de objetos, pois, originariamente o mundo nos é dado sem uma divisão de sentidos ou cesura do corpo. O corpo não se movimenta em uma dimensão sensorial estanque, é isso que torna possível dizer que o sujeito “vê o mundo com o tato”, tal como é possível sentir a pressão exercida no galho mediante o voo abrupto de um pássaro apenas pelo fenômeno visual, ou quando pela audição posso ver o músico que desliza seus dedos sobre as teclas de um piano na sala ao lado. É por esse caminho que chegamos, enfim, ao fator primordial da correlação perceptiva, ao mundo pré-reflexivo que compõe o fundo dos atos intencionais da consciência, ao *a priori* originário, pois:

“Entre minha sensação e mim há sempre a espessura de um *saber originário* que impede minha experiência de ser clara para si mesma. Experimento a sensação como modalidade de uma existência geral, já consagrada a um mundo físico, e que crepita através de mim sem que eu seja seu autor (MERLEAU-PONTY, 2018, p.291).

O mundo pré-reflexivo é o suporte essencial da percepção, originariamente nos é dado sem contorno ou arestas definidas, sem qualidades sensíveis objetivas, sem que algo seja absolutamente de tal cor, espessura ou cheiro, mas é o ante predicativo do qual emerge o correlacional. Esse *cógitato tácito* é o fundamento do engajamento entre corpo e mundo, antes do conhecimento tético da consciência reflexiva que constitui o mundo como na lógica, é a nossa interação direta com o mundo através dos sentidos e da corporeidade que deve ser o ponto de partida da crítica do conhecimento, a lógica opera sobre um fundo pré compreensivo.

---

du corps humain qui nous apprend ensuite à distinguer nos sens. La chose vécue n'est pas retrouvée ou construite à partir de donnés des sens, mais s'offre d'emblée comme le centre d'où eles rayonnent". *Sens et non-sens. La doute de Cézanne*. Paris: Gallimard, 1996.

<sup>15</sup> Cézanne: “*Pensar com o pincel*” / {Françoise Bayle; tradução: Carlos Mendes Rosa}. – São Paulo: folha de S. Paulo, 2022 (coleção Folha Grandes Pintores; v.13)

Mas ainda é preciso abrir o espaço rumo ao transcendente. Ora, se no contato primordial se encontra disponível aquilo que parece ultrapassar a experiência factual, por que então os objetos não me são dados em sua totalidade em um só golpe? Por que a coisa se mostra por meio de adombrações? Existiria o absoluto para além das perspectivas intencionais? Precisaríamos ainda como Kant postular o *em si* inacessível pelo conhecimento?

### 3. A unidade originária

Da corporificação da consciência intencional chegamos à percepção da correlação primordial, em sua origem já está dada a *forma* na qual os objetos estão conjuminados, compondo o fundo que sustenta a correlação tácita entre sujeito e objeto. Aqui pode-se ouvir ecos da fenomenologia tardia de Husserl, aquela que introduzirá o conceito de *Lebenswelt*. A intencionalidade perceptiva nos mostra que já na primeira percepção, no mundo como horizonte do que depois serão atos reflexivos, já estava presente como campo originário, tornando possível à consciência o desvelamento da verdade. O mundo é um todo organizado do qual sua abertura transcendental já me é dada no momento pré reflexivo, anteriormente aos seus desdobramentos. De acordo com Fausto Castilho, este já é um tema presente na última filosofia de Husserl:

“Na reflexão, a experiência não deixa de continuar a ser experiência-de-mundo, só que, nela o eu descobre que já de há muito “tinha-mundo” (Welthabe). A manutenção, em todas as instâncias, dessa experiência extensa faz da Fenomenologia uma *reflexão universal que pesquisa* na correlação intencional entre consciência e consciencizado a experiência de *ter-mundo*. O “mundo” não é apenas o todo dos entes, aglomerados em um dos polos da correlação, e sim, rigorosamente, o *todo da correlação*. É a razão principal para se conceber a Fenomenologia como Filosofia, isto é, como reflexão sobre o todo da experiência” (CASTILHO, 2015, p.32).

Sobre a coexistência oriunda do esposamento primordial, a fenomenologia da percepção buscará explicitar a unidade latente das instâncias da correlação. É nesse sentido que as qualidades dos objetos serão pensadas não como afecções cegas e vazias aos moldes empiristas, mas como solicitação cujo apelo aos sentidos é a possibilidade mesma da fundação do sujeito perceptivo. Sujeito e imundo emerge em reciprocidade de afetação, a consciência é sempre consciência de um

objeto, por esse motivo esta lhe deve a consciência-de-si que lhe é própria, “todo pensamento de algo é ao mesmo tempo consciência-de-si, na falta do que ele não poderia ter objeto”<sup>16</sup>. Porém, aqui caminhamos ao limiar de um problema que nos espreita, o de cairmos novamente em uma consciência absoluta que constitui o mundo; um *cogito* que está para além do tempo, que abarca a totalidade, porém destituído de existência, encerrado de maneira impessoal, tencionando o universal em terceira pessoa. Essa concepção do cogito o coloca como detentor de um poder divino, se apenas o cogito é a primeira evidência em que todo desenvolvimento do mundo está previamente contido, nada pode lhe ser anterior nem lhe conceder algo, nem mesmo Deus.

Duvidar da realidade do mundo exterior é instituir o sujeito, enquanto consciência pura, de um poder constitutivo. Ora, na busca de uma intencionalidade mais profunda é justamente a sua dimensão *para fora* que aparece possibilitando a dimensão extática em que se encontra primordialmente a percepção. Ser-no-mundo é o modo pelo qual a consciência intencional já se movimenta sempre prenhe de sentido, não como consciência reflexiva, mas como existente; como observa Renaud Barbaras sobre a percepção<sup>17</sup>. Sendo o corpo a matriz própria da experiência perceptiva e veículo primevo da experiência, é preciso que a intencionalidade do corpo-próprio possa valer como o enraizamento que garante a inseparabilidade de interior e exterior, a presença interior do mundo no sujeito e o mesmo inteiramente fora de si. Em nota de rodapé número 50, na 3ª seção da 1ª parte da fenomenologia da percepção, aquela que trata justamente da intencionalidade do corpo<sup>18</sup>, Merleau-Ponty evidencia o que para ele corresponde a fecundidade da noção de intencionalidade, para além da mera especificação de *noesis* e *noema* como polos de atos intencionais, mas sim, seu caráter extático:

Frequentemente se honra Husserl por essa distinção. Na realidade, ela se encontra em Descartes, em Kant. Em nossa opinião, a originalidade de Husserl está para além da noção de intencionalidade; ela se encontra na elaboração dessa noção e na descoberta, sob a

<sup>16</sup> *Fenomenologia da Percepção*, p.496

<sup>17</sup> “On le voit, la place de la perception est primordiale puis’quelle est finalement l’acte qui nous met en présence de L’Être”. (*La perception: Essai sur le sensible*, p.38)

<sup>18</sup> Título da seção: III. A espacialidade do corpo e a motricidade.

intencionalidade das representações, de uma intencionalidade mais profunda, que outros chamara de existência (MERLEAU-PONTY, 2018, p.627)

Além do mais, se apenas o cogito é para si mesmo evidência absoluta, logo a pluralidade de outros “eus absolutos” é inconcebível<sup>19</sup>. Mas vimos como a existência é o terreno da consciência, esta simbiose nos é dada pelo fenômeno da intencionalidade do corpo-próprio, tornando inviável uma separação legítima entre mundo interior e mundo exterior, o mundo é a paisagem no qual me circundam alteridades, cada indivíduo participa do espetáculo em companhia; cada microcosmo subjetivo é uma perspectiva derivada da facticidade situacional, mesmo assim, não estamos confinados em uma solidão intransponível, sendo a comunicação intersubjetiva expressão da acessibilidade possível de um prisma particular, que pode ser potencialmente visualizado em comum. Deste modo, é marcada a importância de que sujeito e o mundo não sejam cindidos um do outro, mas que uma compreensão pré-reflexiva que ocorra por meio da percepção e da experiência corporal, seja também a chave para as relações intersubjetivas, visto que no pertencimento originário das subjetividades ao mundo, podemos encontrar uma comunicação silenciosa e uma conexão intersubjetiva anterior e por isso mesmo, além das palavras.

### **Considerações Finais**

Antes de dividir e hierarquizar a sensibilidade em capacidades independentes e apartadas entre si, responsáveis por meramente captar átomos sensoriais, ao modelo do empirismo<sup>20</sup>, a noção de intersensorialidade tem como objetivo ir ao encontro do fenômeno sensorial tal como ele

---

<sup>19</sup> “Mas como haveria vários absolutos? Em primeiro lugar, como alguma vez eu poderia reconhecer outros Eus? Se a única experiência do sujeito é aquela que obtenho coincidindo com ele, se por definição o espírito se furta ao “espectador estranho” e só pode ser reconhecido interiormente, meu Cogito é por princípio único, ele não é “participável” por um outro”. (*Fenomenologia da Percepção*, p.498)

<sup>20</sup> “Pela visão tenho as ideias de luz e cores, com seus vários graus e variações. Pelo tato, eu percebo, por exemplo, o duro e o macio, o calor e o frio, o movimento e a resistência, e todas essas mais ou menos seja quanto a quantidade ou grau. O olfato me fornece odores, o paladar, gostos, e a audição transmite sons para a mente em toda a sua variedade de tom e composição. E como várias delas são marcadas por um nome, e assim, a serem consideradas como uma coisa. Desse modo, por exemplo, quando se observa certa cor, gosto, cheiro, figura, e consistência ocorrendo juntos, são consideradas uma coisa distinta significada pelo nome “maçã”; outras coleções de ideias constituem uma pedra, uma árvore, um livro e coisas sensíveis e similares – que à medida – que são prazerosas ou desagradáveis excitam as paixões de amor, ódio, alegria, tristeza, e assim por diante (BERKELEY *apud* CERBONE, 2022, p. 163)

aparece. A fenomenologia em Merleau-Ponty problematiza justamente a tendência a polarização no que diz respeito a atividade perceptiva, a percepção não é apenas uma questão de receber informações sensoriais, mas de vivenciar essas informações por meio da intencionalidade do corpo. O que caracteriza a sensorialidade corporal é a interpenetração dos sentidos, é por ela que posso sentir um apelo a experienciar a visualidade de um som invisível ou enxergar o vento em um quadro de Cézanne, essa interpenetração destaca a unidade da experiência sensorial tendo o corpo como centro integrador. A importância da noção de intersensorialidade é central para a compreensão do conhecimento transcendente, nela pode-se encontrar uma via para a caracterização da noção de *fundo* compondo a generalidade de figura e forma, na apreensão da totalidade no contato primordial, em que o *cógit*o tácito embebe de sentido o mundo já na experiência pré-reflexiva. Ademais, pensar a unidade essencial de sujeito e mundo percebido também abre espaço para investigar as relações e ligações intersubjetivas em um mundo percebido mútua e integralmente, visto que negar o outro é negar a si mesmo, pois, “só percebemos um mundo se, antes de serem fatos constatados, esse mundo e essa percepção forem pensamentos nossos”<sup>21</sup>.

### Referências

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 5 ed, 2ª tiragem, 2018.
- MERLEAU-PONTY. **Résumés de cours. Collège de France, 1952-1960**. Paris: Gallimard, 1968.
- MERLEAU-PONTY. **Sens et non-sens. La doute de Cézanne**. Paris: Gallimard, 1996.
- CERBONE, David. **Fenomenologia**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HUSSERL. **A ideia da Fenomenologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

---

<sup>21</sup> *Fenomenologia da Percepção*, p.500

HUSSERL. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** 8ª

Reimpressão. Aparecida: Ideias & Letras, 2006

DESCARTES, René. **Discurso do método & Ensaios.** 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou, A matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil.**

São Paulo: Ícone, 2014.

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano.** São Paulo: Lafonte, 2019.

FERRAZ, M.S.A. **Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty.** Campinas: Papyrus. 2009

GOETHE, **Os sofrimentos do jovem Werther.** São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

CÉZANNE: **“Pensar com o pincel”** / {Françoise Bayle; tradução: Carlos Mendes Rosa}. – São Paulo: folha de S. Paulo, 2022 (coleção Folha Grandes Pintores; v.13)

BARBARAS, Renaud. **La perception: essai sur le sensible.** Paris: Hatier, 1994

CASTILHO, Fausto. **Husserl e a via redutiva da pergunta-recorrente que parte da**

**Lebenswelt.** Campinas: Editora da Unicamp, 2015.